

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 49, setembro 2019, Trabalhadores Anônimos]

**Mohammed: tua pátria
é a ternura!**

Guerras, conflitos, perseguições, trabalho/desemprego, clima, dentre outros, forçaram o deslocamento de aproximadamente 68,5 milhões de pessoas no mundo. Diariamente, 44.400 pessoas (20 por minuto) são forçadas a sair de suas casas, 85% provenientes de países em desenvolvimento. Atualmente, 57% dos refugiados vêm da Síria (6,3 mi), Afeganistão (2,6 mi) e Sudão do Sul (2,4 mi) (ACNUR, 2019).

Mohammed, 32 anos - sírio simpático, afetuoso e fluente em português -, é ATI [Administrador de Tecnologia da Informação]. Aqui sobrevive vendendo quitutes árabes. Veio à vida no Kuwait, de mãe síria e pai palestino, sendo-lhe negada cidadania. O avô e o pai falecidos saíram da Palestina em guerra. Residiu, formou-se e trabalhou em Damasco até nove anos atrás, sem ser naturalizado. Aos 24 anos, forçado a se deslocar para não ser convocado pelo exército sírio (mesmo sem nacionalidade), passou pelo Líbano (6 meses), Malásia (2 anos), Tailândia e Vietnã sem obter registro em nenhum destes países. Integra assim o contingente de 10 milhões de apátridas. Sua mãe grávida e irmão menor deslocaram-se para a Califórnia/EUA e foram naturalizados pelo nascimento do filho. Chegou sozinho ao Brasil durante o carnaval de Ipanema 'estabelecendo-se' com os petiscos por três meses. Fiscalização e saturação do mercado no entorno 'forçaram deslocamentos' por Flamengo, Botafogo, Tijuca e, atualmente, Barra. Ensinou inglês e árabe, menos rentáveis que o comércio de esfihas. A barreira do idioma dificultou o trabalho em ATI. *“Sabia que o Brasil tinha futebol, Carnaval, café e a Amazônia. Tinha que conhecer esta floresta! Fiquei 25 dias na mata com um guia 'conversando' em sinais. A melhor coisa que fiz no Brasil! Em 2016, fiquei 15 dias na Tijuca na casa de uma menina que conheci pela internet. Depois morei num hostel no Vidigal 'pagando' com aulas de inglês. Não conhecia favela e sentia-me um rei. Na Malásia morei em ilha sem eletricidade. O Brasil é o melhor país para se viver. Muitos brasileiros não sabem disso. Recebi CPF no primeiro dia e terei direito à cidadania brasileira em dois anos.”* Em 2018, foi operado de hérnia de disco no Hospital dos Servidores do Estado (SUS-RJ) e realizará outro procedimento em breve. *“A única cirurgia que fiz na vida foi no Brasil. Sem pagar! Trabalhei e tive muitas dificuldades nesses deslocamentos. As crises de dor lombar que descem p'ras pernas têm a ver com meu trabalho. Levanto às 5 e trabalho até 23 horas em pé o dia todo. Preciso abastecer e mover a barraca [foto] diariamente ida/volta. Contrato ajudantes mas é difícil trabalhar com brasileiro. Acho bom 'ser meu dono'. Não pago aluguel, posso fazer o preço e atrair mais clientes.*

O resto é só dificuldade: sem policiamento, violência, roubos (p.ex.: celular), assaltos, ameaças, bagunça na rua, demora na obtenção de licença da Prefeitura, concorrência ilegal etc. Não tenho amigos, nem vida, só casa e barraca. E duas famílias: de sangue (Califórnia) e brasileira (fornece os petiscos). Não casei nem tive filhos. Temos um cachorro.” Mohammed contradiz nosso imaginário de homem muçulmano. A ternura com a namorada expressa em olhares, sorrisos e falas mostra sua admiração pela "mulher forte" com quem partilha afazeres e lazer. Insiste em contar do romance. Conheceram-se em 2017 no hostel onde ela trabalhava (Ilha da Gigoia/Barra). Saía cedo para trabalhar e, ao voltar, conversavam um pouco em inglês. Não comem carne e começou a perceber que ela o esperava com refeições veganas. Um dia ele lhe apresentou um quibe vegano e o romance evoluiu... chegando o "horário do beijo"... Porém, iniciava-se o Ramadã, costume sagrado do Islamismo, em que se observa abstenção (alimentos/bebidas, sexo, fofocas, vícios) e oração por 30 dias para recarga física e espiritual. *“Sigo esse ritual que me fortalece desde criança, mas é difícil cumpri-lo longe dos amigos.”*

Brincalhão e tímido, conta sua dificuldade em explicar que desejava beijá-la, amá-la...mas...havia o Ramadã. Pessoas próximas da entrevista perguntaram sobre as quatro mulheres com quem os muçulmanos podem se casar. Mohammed, rindo, lascou: *“Uma mulher dá dor de cabeça suficiente! Ainda mais brasileira!”* Nas horas de lazer só dorme, fica na praia e aprende português [requisito para a cidadania] com a namorada. Sonha em viajar e abrir um hostel na praia para 'gringos'.

“Assim, faço o que gosto e ajudo pessoas como eu. E economizando para viver com mais conforto e lazer.”



Mohammed e seu quiosque (2023). Foto: Sonimar Ghazi

Entrevista concedida a Ana Carolina Souza Alves e Rosângela Gaze.

■■■

Nota de Rosângela Gaze que o entrevistou em 2019

Os debates sobre a escala 6x1 me lembraram de Mohammed, hoje com cidadania brasileira, e continua trabalhando em escala 7x0 sendo “seu dono”. Tornou-se amigo de minha prima Sonimar que vez ou outra me conta de sua trajetória. Para falar a linguagem 4x3, Mohammed tem tempo e amor pelo seu trabalho, sua família e amigos... Guardo em meu coração que ele foi a última pessoa que conversou, em árabe, com Juju, minha mãe (por vídeo zap, vejam só), que estava internada (junho/2019). Quando terminaram, perguntei o que falaram: *Ele me disse que sou sua mãe brasileira e que vem me visitar amanhã. Respondi-lhe que é meu filho e que quero que ele vá lá em casa. Vou preparar-lhe um almoço árabe.* Chorando, nos abraçamos... Ela pediu Coca-Cola, tomou feliz falando no cardápio... Fechou os olhos sorrindo... Meu coração serenou...